



Violência machista: imprescindível para a dominação patriarcal

Novembro de 2009

Rute Cortiço

A violência machista é a violência que praticam os homens contra as mulheres em todas as partes do mundo, exemplos são assassinatos massivos de mulheres de dimensões de feminicídios em Guatemala, Ciudad Juárez, Colômbia..., crimes contra mulheres em zonas de guerra, mutilações sexuais... na Galiza no que vai de ano já contamos com 5 mulheres mortas e a violência machista perpetua-se na gente mais nova. As estruturas económicas, políticas e religiosas estão mantendo e perpetuando uma organização patriarcal da sociedade onde se encontra enraizada a violência machista, uma realidade implantada em todo o planeta, e que amosa a sua face mais descarnada em situações de guerra, tráfico de pessoas, exploração sexual... , mil e mil manifestações da violência machista contra as mulheres que nos desbordam.

Mas hoje abordarei os aspectos da violência contra as mulheres que se produzem no nosso entorno mais cercano, o que é tagível para nós e onde mais ou menos podemos incidir, no Estado Espanhol acontecem uns cem assassinatos de mulheres por violência machista, decretada a igualdade entre homens e mulheres com uma Lei Orgánica contra a violência de género, com julgados especiais... que é o que falha?

Por que violência machista?

Começamos por por-lhe nome ao este fenómeno, um nome o mais correito possível, já que o que tem nome tem nome existe, ou o que tem um nome confuso ou difuso será propício a confusão, e não devemos permitir nenhuma confusão, devemos nomear a violência com clareza para visibilizá-la. Nós, falamos da violência que exercem os homens, individual ou coletivamente contra as mulheres para impôr e fazer permanente o seu controlo e dominação, assim fica definido o sujeito executor, os homens e o sistema de dominação patriarcal e o sujeito receptor e submetido, as mulheres.

Não aceitamos o termo violência doméstica ou familiar, já que a violência contra as mulheres não se tem porque dar obrigatoriamente no âmbito familiar, além esta terminologia tem uma clara conotação invisibilizadora já que não se nomeiam às mulheres e se lhes equipara à família. O termo violência de género também não é adequado já que não é correito identificar as mulheres com um género que como sabemos é uma construção social. Outros termos utilizados comumente pelos meios de informação como "crime pasional", "ataque de ciúmes", "arrebato", são ainda menos recomendáveis já que em estes casos além não reflexar a carga machista da agressão resta-se-lhe importância ao mesmo facto de que foi um assassinato, e inclusive podem ter uma repercussão positiva sobre o assassino.



Assim em muitas ocasiões temos a sensação de que o tratamento não é o adequado e de que a visibilidade que se lhe dá nos meios não serve à causa feminista, mais bem serve a outros interesses, morbo, tal vez. Quando escutamos a notícia esta caracteriza-se por uma descrição escrupulosa da agressão violenta, e vai seguida de uma condenação, logo sucedem-se os relatos das pessoas do entrono...e finalmente a agredida mostra-se como um ser victimizado, indefeso, sem recursos, sem possibilidade de defender-se...

É isto o correito?

Se calhar o relato tinha que ter começado muitos anos antes, quando a educação tanto por parte das instituições educativas, como por parte de família, meios de comunicação, religião, mass media, mundo laboral, linguagem sexista..... imprimem em nós os roles masculino e feminino, mediante um curriculum oculto que digerimos sem ser conscientes.

Criamos uma realidade estereotipificada 'do grupo social das mulheres' e do 'grupo social dos homens' aplicam-se-nos a todos uma série de características fixas que se tomam como válidas em geral. Assim os rasgos individuais são anulados. Embora representem imagens desvirtuadas e erradas da realidade que são muito resistentes, porque escapam ao controlo da razão e têm uma importante e valiosa função social: criam e mantêm uma ideologia social e umas práticas que, apoiadas em estereótipos, estabelecem e sustentam diferenças e hierarquias na valorização de uns grupos sobre outros. Os estereótipos sexistas, que privilegiam e destacam a cultura e os valores masculinos, constituem uma manifestação do patriarcado como universo simbólico hegemónico. Assim desde um modelo social androcêntrico, somos preparadas psicologicamente para que esta sociedade assigne a cada sexo um papel activo, protagonista e empreendedor para os rapazes ou passivo e secundário para as raparigas. Outro rasgo seria a invisibilidade, a visão sesgada e androcêntrica da história ignora as apertações das mulheres no desenvolvimento da humanidade. De este jeito cria-se um desequilíbrio social já que a sobrevalorização das actividades realizadas pelos homens tem claras repercussões na consideração cara às mulheres e de aquelas actividades que elas realizam, dando lugar à menor valorização das profissões denominadas femininas.

Criam-se nas jovens as condições necessárias para uma personalidade passiva, dócil, amável... com objetivos vitais como ter um marido, ter um trabalho no que o normal é cobrar menos que o homem, uma relação com o companheiro de submissão e negação da própria personalidade, na televisão todos os dias como algo quotidiano, imagens de mulheres invisíveis, agredidas, escravas... Todo um caminho de violência sistemática, silenciosa, sutil, inferioridade, um longo trabalho prévio que permitira que ao final se chegue à agressão com total normalidade.

Em conclusão, quando uma mulher chega ao âmbito penal já viveu todo um caminho de agressões não penais, o itinerário que deveria seguir esta mulher para entrar no jogo do Código Penal será primeiro converter-se numa vítima, e denunciar o caso judicialmente, a partir de esse momento começam a por-se em andamento uma série de ajudas que se otorgam porque a mulher agredida é um ser incapaz, inútil, desamparada, há que dizer-lhe o que tem que fazer e actual por ela.



Seria um insulto para a inteligência das mulheres pensar que vamos crer essas teorias nas que se erradicara a violência machista com medidas legais ou institucionais, já que som essa mesmas instituições as que estão conservando esta ordem social de autoritarismo patriarcal.

A alternativa será analisar as raízes da violência contra as mulheres, atuar sobre as causas e dotar as próprias mulheres (em vez de victimizá-las) das ferramentas necessárias para que elas mesmas iniciem a sua luta e a sua resistência.

O que reivindicamos vai mais além das ajudas econômicas e vantagens de ser vítima, o que queremos não é arranjar do melhor jeito possível a vida de uma mulher maltratada, o que queremos é que não aconteçam mais agressões, queremos liberdade, autonomia e independência para que as mulheres possam desenhar as suas vidas sem cair em relações de dependência que as levaram ao maltrato e inclusive à morte. Acabar com as situações que propiciam que as mulheres sejam identificadas como inferiores, uma muito destaval é o matrimônio, onde o homem pode exercer a sua autoridade, controle e prepotência do seu rol masculino com toda a legitimidade e criar espaços de apoio, como comités antiagressões, onde se lhes facilitem às mulheres as ferramentas acadas e de onde se faça pública essa violência em diferentes âmbitos, inclusive no do agressor, poderia ser um começo.